

MILTON HATOUM E FERREIRA DE CASTRO: OLHARES, SABERES E CULTURAS NA AMAZÔNIA

Gilson PENALVA

Universidade Federal do Pará – Campus do Sul e Sudeste do Pará.

RESUMO: Este trabalho propõe discutir olhares e imagens identitárias e culturais da Amazônia a partir dos romances *Dois Irmãos* e *Relato de um certo oriente*, de Milton Hatoum e *A Selva*, de Ferreira de Castro. Estamos propondo observar o olhar estrangeiro na literatura amazônica, buscando indagar sobre a complexidade da diferença e das interações culturais. Queremos perquirir os caminhos de um olhar anômalo e estrábico, para pensarmos sujeitos, identidades e preconceitos, na busca de desconstruirmos idéias fixas de identidade cultural, estamos propondo estudar as imagens elaboradas pelo imigrante na Amazônia, para que se coloque em xeque nossos conceitos de identidade e a realidade que nos cerca. O objetivo é pensarmos as culturas locais sem o exotismo que caracterizou tantos relatos sobre a Amazônia e os povos que aqui vivem.

PALAVRAS CHAVES: Amazônia, Cultura, Identidade, Hibridismo, Alteridade.

ABSTRACT: This work intends to discuss glances, features and culture images of the Amazonian starting from the romances *Dois Irmãos* (Two Siblings) and *Relato de Um Certo Oriente* (Report of a Certain East), of Milton Hatoum and *A selva* (the Jungle), of Ferreira de Castro. We are intending to observe the foreign glance in the Amazonian literature, looking for investigation about the complexity of the difference and of the cultural interactions. We want to follow the ways of an anomalous and cross-eyed glance, for us to think subjects, identities and prejudices. In the search of taking to pieces fixed ideas of cultural identity, we intend to study the elaborated images by the immigrant in the Amazonia to discuss our identity concepts and the reality that is around us. The objective is to think the local cultures without the exoticism that characterized so many reports on the Amazonian and the people that live here.

KEY WORDS: Amazonia, culture, identities, difference.

A reflexão que ora propomos consiste em observar em *Relato de Um Certo Oriente e Dois Irmãos*, narrativas de Milton Hatoum e *A Selva*, de Ferreira de Castro processos de hibridização cultural na Amazônia brasileira.

A partir do olhar do imigrante pretendemos pensar a movimentação das culturas na Amazônia, compreendendo cultura como formas de representação, daí a idéia de incompletude, de processo de constituição de culturas. A partir do conceito de diferença cultural proposto por Homi Bhabha¹, e sobretudo com a distinção que faz entre diversidade e diferença cultural, é que compreendemos que nenhuma cultura é completa em si mesma, nenhuma já atingiu sua total plenitude, pois existem outras que contradizem a sua autoridade, assim como o seu próprio processo de representação, linguagem e construção de sentidos encontra-se num processo permanente de constituição. Uma cultura que se vê estabelecida, homogênea, com uma identidade fixa e acabada, estaria fadada ao desaparecimento, sobretudo no momento atual caracterizado pelo que se tem chamado e globalização da economia e mundialização da cultura, em que os avanços tecnológicos e midiáticos têm provocado a reorganização dos espaços e o diálogo das culturas.

O nosso olhar neste trabalho direciona-se para espaços de contatos e contaminações da cultura, apesar de compreendermos as dificuldades que surgem ao tentarmos juntar diferentes formas de culturas e representação social.

Em *Relato de Um Certo Oriente*, por exemplo, existe uma cena que envolve um certo embate de culturas diferentes. É um momento de conflito provocado por diferenças religiosas: Emílie cristã católica e o seu esposo de formação mulçumana. Segundo o filho Hakim a resistência do marido de Emílie deve-se ao fato da mesma adorar santos, pois em sua religião é proibida qualquer adoração que não

¹ BHABHA, 2001, pp. 19-20.

seja exclusivamente a Deus, o que difere da forma de culto dos católicos:

E, sem afastar o leque do rosto, passou a enumerar com uma voz encarregada de ira e vexame os santos de gesso pulverizados, os de madeira quebrados barbaramente, a Nossa Senhora da Conceição espatifada e o Menino Jesus destruído. Mas as iluminuras raras e preciosas que Emílie adquirira na Península Ibérica foram poupadas, bem como o oratório de caoba e a imagem de Nossa Senhora do Líbano; ambos continuavam intactos, alheios a fúria do meu pai durante o crepúsculo e uma parte da noite. O quarto parecia ter sido assolado por um cataclisma, um furacão ou um único grito vindo do Todo – Poderoso².

Ou ainda:

Até então, a religião não causara graves desavenças entre meus pais. Ele encarava com naturalidade e compreensão o fervor religioso de Emílie. Tolerava as festas cristãs, mas se alheava com um desdém perfeito das preces elaboradas por Emílie, fazia vista grossa às imagens e estátuas de santos, e afastava-se do quartinho de costura onde as duas mulheres cortavam e picotavam retângulos de papel vegetal para confeccionar santinhos coloridos que seriam doados às órfãs internas do colégio Nossa Senhora Auxiliadora, durante a primeira comunhão³.

A Selva também mostra os contatos de culturas e até algumas dificuldades desses contatos. O comportamento do narrador, jovem português, estudante de direito, que vem para Amazônia fugindo de perseguições políticas, a partir do estabelecimento da República em Portugal, exemplifica as interações culturais de que estamos falando. Ao chegar em Belém o jovem monarquista é mandado pelo tio para o Seringal Paraíso, às margens do rio Madeira. Desde a viagem de Belém ao Seringal, a convivência em Belém com pessoas de vários

² HATOUM, 1989, pp. 43-44.

³ HATOUM, 1989, p. 45.

lugares do Brasil que chegavam à procura de melhorar suas condições de vida e a convivência com os seringueiros, em sua maioria oriundos do nordeste brasileiro, sobretudo do Ceará e Maranhão, no próprio seringal, serviram para o narrador confrontar as culturas da Amazônia e da Europa. Apesar das questões políticas levantadas por ele, as péssimas condições de vida dos seringueiros, o sistema de aviamento que se processava no seringal, que além de acabar com os sonhos dos nordestinos, os colocava numa condição de eternos devedores e explorados, o narrador português teve dificuldades de entender as diferenças culturais existentes nos dois espaços. Tendo sempre como referência a cultura portuguesa, em vários fragmentos do texto, o narrador compara a cultura portuguesa, a forma dele ver o mundo, suas expectativas, com os hábitos dos moradores do seringal, que são sempre vistos como limitados, ignorantes e desprovidos de sentimento humano. Há na obra traços de determinismo espacial: a floresta amazônica aparece sempre como algo que ameaça, perturba e sufoca, o que provoca um desejo incessante de ir embora, de sair rapidamente e de se libertar daquele “Inferno Verde”. A cultura européia sempre superior, aparece na ótica do narrador como o equilíbrio e a síntese da civilização. Convém observarmos no fragmento seguinte, a visão do português sobre a Selva:

E o mais nada. O resto era a selva, com a sua vida sombria, ali pertinho, fechando-o num anel estrangulador. Sentia-se lhe a existência pesada, enigmática, numa vigília que dir-se-ia constante ameaça, um pânico jacente. Fatigados da muralha, os olhos tinham de procurar no céu um pouco de lonjura e de enlevo⁴.

Alberto, o narrador, não viaja para a Amazônia com o desejo de desvendar um mundo desconhecido, diferente do europeu, mas por uma circunstância vivida por ele: a República portuguesa o incomodava. Nesse sentido, a sua viagem é compreendida com exílio.

⁴ CASTRO, 1972, p. 128.

E é a partir desse olhar do exilado que Alberto, um estrangeiro, observa a Amazônia. Para ele a Selva não representa um El Dorado ou uma terra de inocência mítica, como geralmente é representada e imaginada pelo europeu. De longe, ele a via como uma bárbara grandiosidade, uma imensidão sem fim, de perto a floresta o escravizava, o definhava e provocava a morte. Este viajante europeu, ao mesmo tempo que é atraído pela cidade, com todos os seus fascínios e deslumbramentos, demonstra ojeriza pela selva, possuindo por ela “um pavor instintivo”, causado pelo que se comentava de “febres perigosas, de vida bárbara e estável”. A floresta provocou nele medo, dúvidas, repugnância e inquietação. Este espaço tirânico e cerceador é em si mesmo o que torna a vida degradante.

A selva dominava tudo. Não era o segundo reino, era o primeiro em força e categoria, tudo abandonando a um plano secundário. E o homem, simples transeunte no flanco do enigma, via-se obrigado a entregar o seu destino àquele despotismo. O animal esfrangalhava-se no império vegetal e, para ter alguma voz na solidão reinante, forçoso se lhe tornava vestir pele de fera. A árvore solitária que borda melancolicamente campos e regatos na Europa perdia ali a sua graça e romântica sugestão e, surgindo em brenha inquietante, impunha-se como um inimigo. Dir-se-ia que a selva tinha, como monstros fabulosos, mil olhos ameaçadores que espiavam de todos os lados⁵.

Alberto, muito confuso e atônito, portou-se na selva de maneira bastante irregular. Os seus sentimentos oscilavam incessantemente, ora uma coisa, ora outra. Junto à repugnância ao comportamento dos homens que viviam na floresta e se animalizavam naquele espaço isolado, às vezes sentia gratidão pelo bem que Firmino sempre lhe dispensava. Este migrante cearense tão adaptado à floresta, demonstrava ser uma alma bastante sensível e fraterna, o que perturbava Alberto. Como um homem tão explorado, tão sem

⁵ CASTRO, 1972, p. 114.

perspectiva, pode possuir uma alma tão boa? Tinha paciência para ensinar a lida com a preparação do látex, sobretudo para proteger o jovem imigrante de perseguições dos capatazes do seringal:

É... é... mas eles vêm chegando... – Depois, numa resolução: - Dê cá algumas tigelinhas que eu meto-as aqui na minha serapilheira. No igarapé-açu deixamos isso em casa do Chico e amanhã você vem buscar.

Alberto compreendeu a luta do companheiro que não queria sacrificá-lo nem ser vencido pelos outros seringueiros – e comoveu-se. Era a primeira delicadeza que encontrara desde o início da trilha dolorosa⁶.

Firmino também demonstrava compaixão com os miseráveis, e sentiu muito a morte da mãe. “Minha mãe morreu o ano passado. Ih, meu Deus, o que eu chorei! Nunca imaginei que um homem chorasse tanto. Eu escondia a cara na rede para o Feliciano e o Agostinho não verem” (CASTRO 1972, p. 123). No entanto, o mesmo homem amazônida, que não perdeu a capacidade de amar, às vezes chocava o estrangeiro com hábitos animalizados. Podemos observar, por exemplo, no fragmento em que Alberto mostra seu companheiro de barraco praticando relação sexual com uma égua:

Pouco depois Alberto enxergou, atrás do canavial, algo de muito estranho, que o deixou estupefato. A égua fora levada para ali e junto dela estava Agostinho, trepado num caixote, com a roupa descomposta.

Não quis acreditar. Abriu muitos os olhos, fixou melhor. Não, não era ilusão⁷.

Esse comportamento animalizado foi provocado pelo isolamento da floresta, é que o próprio Alberto fora vítima, quando

⁶ CASTRO, 1972, p. 109.

⁷ CASTRO, 1972, p. 131.

se sentiu atraído por dona Yayá, esposa do gerente do Seringal, o senhor Guerreiro, quando passa a trabalhar no armazém. No entanto, a análise das personagens é superada pela visão do estrangeiro sobre a Amazônia. “O cenário metamorfoseara-se, o que era de longe beleza, concha de luz e moldura de policroma tela, era de perto fealdade e imundície” (CASTRO, 1972, p. 137).

O imigrante português ao observar a Amazônia não considerou a voz do povo dessa região, por considerar-se civilizado e detentor de uma cultura superior. Esse mesmo imigrante, só consegue perceber diferenças culturais do outro, do amazônida, que no fundo é ele mesmo, quando o anula. Quando Alberto se refere aos outros personagens, não os considera e nem os possibilita o direito à fala. Monopoliza pensamentos e sentimentos. Poderíamos perguntar a quem interessa a construção de identidades fixas e imutáveis para um povo, no caso o amazônida e a resposta apontaria para aqueles que catalogaram o homem amazônico como o selvagem, o incivilizado, o exótico, o que merece ser considerado apenas por destoar do padrão cultural do observador.

Já em Milton Hatoum as culturas estão em diálogo permanente, numa relação de justaposição. Culturas de imigrantes de várias nacionalidades, culturas amazônicas (ribeirinhos e índios) entrecruzam-se e formam conglomerados de mesclas culturais que caracterizam as sociedades contemporâneas. Distante de qualquer sistema de identificação rígida, este autor manauara propõe pensarmos uma Amazônia híbrida, misturada e contextualizada num momento histórico de grandes transformações sociais, políticas e culturais. A presença do imigrante na Amazônia e os contatos que estabelece com o nativo sugere um ambiente de trocas culturais e contaminações, num momento, como coloca Canclini, de globalização da economia e mundialização da economia.

Diferente de Ferreira de Castro que procura compreender a Amazônia apenas como selva, rios, selvageria, Milton Hatoum apresenta uma Amazônia em pleno processo de modernização, com cidades sendo modernizadas, bairros inteiros sendo transformados,

prédio sendo constituídos. *Em Dois Irmãos* o comércio de Halim, por exemplo, pode ser tomado como símbolo desta modernização. O que antes era espaço de bate-papos com pescadores, ribeirinhos e amigos da família, que compravam utensílios de pesca e outras miudezas que precisavam para o dia-a-dia, foi todo transformado por Rânia, que com a ajuda financeira de Yaqub. Além do dinheiro para a reforma da casa e do comércio, Yaqub passa a mandar mercadorias de São Paulo “Rânia dirigiu a reforma da loja. Eu a ajudei a emboçar e rebocar a fachada e ela mesma pegou nas brochas e pintou todas as paredes de verde... Rânia tomou mais gosto pela loja. Mandava e desmandava, cuidava do caixa, do estoque e das dívidas dos caloteiros”. (HATOUM, 2000, p. 130).

Ainda sobre processo de modernização da loja de Rânia: “Agora a fachada da loja exibia vitrines, e pouco coisa a menos de duzentos metros da praia do Negro. Restou, sim, o cheiro, que resistiu ao reboco, pintura e aos novos tempos”. (HATOUM, 2000 p. 132).

Tais fragmentos mostram as transformações por que passa Manaus na segunda metade do século XX. Essas transformações caracterizam uma expansão urbana que se coloca como uma das causas que intensificam a hibridização cultural. O mercado municipal de Manaus e o restaurante Biblos, do Galib, também, aparecem como locais de trocas de culturas. As comidas preparadas com ingredientes da Amazônia e temperos e receitas orientais dão conta das misturas culturais que se processam no restaurante Biblos:

Desde a inauguração o Biblos foi um ponto de encontro de imigrantes libaneses, sérios e judeus marroquinos que moravam na praça Nossa Senhora dos Remédios e nos quarteirões que a rodeavam. Falavam português misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa algaravia surgiam histórias que se cruzavam, vidas em trânsito, um vaivém de vozes que contavam um pouco de tudo: um naufrágio, uma febre negra num povoado do rio Purus, uma trapaça, um incesto, lembranças remotas e o mais recente: uma dor ainda viva, uma paixão ainda acesa, a perda coberta de luto, a esperança de que os caloteiros pagassem as dívidas. Comiam, bebiam, fumavam, e as vozes prolongavam o ritual, adiando a sesta⁸.

Com estas considerações estamos apontando entrecruzamentos de culturas que se processam no espaço amazônico. Estamos procurando compreender a Amazônia como um espaço de enunciação e da diferença cultural. Estamos pensando na desconstrução da idéia de cultura amazônica como algo fixo com traços identitários totalmente determinados e rígidos, analisando o jogo de poder e os discursos que sustentam esta concepção de cultura e identidade. A reflexão que estamos propondo sustenta-se no desejo de questionarmos identidades fixas e idéias de totalidade. Estamos partindo do princípio de que as interações que se processam nos tempos atuais, fazem com que as identidades percam a idéia romântica de intacta ou pura. Essas identidades estão sempre em um processo de construção, de acordo com os processos de interação dos povos. Ao trabalharmos com olhar do imigrante, do estrangeiro, do de fora, queremos discutir a movimentação das culturas, que se dá com o rompimento de fronteiras naturais, que se processam a partir da dispersão de pessoas de sua terra natal. Essas pessoas que foram dispersadas de sua terra natal o imigrante sírio-libanês, por exemplo – retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimilados por elas, e sem perder totalmente as suas identidades. Milton Hatoum não se preocupa em compor, delimitar, a identidade árabe ou amazônica, mas sim em desconstruí-las. É justamente a partir dessa desconstrução é que vamos pensar na identidade amazônica – se é quer alguma coisa pode ser considerada como identidade – procurando escapar de um exotismo que contribui para manter esquemas de submissão. Pensar na identidade de uma região de fronteira é pensar na construção de uma identidade híbrida, constituída a partir de resíduos, daquilo que está fora, ou à margem. O conceito de híbrido que estamos trabalhando não pressupõe uma harmonia ou homogeneidade entre as partes. Ao contrário, a idéia de

⁸ HATOUM, 2000, pp. 47-48.

híbrido evidencia a alteridade, bem como a relevância de tudo aquilo que é diverso, múltiplo e heterogêneo.

Sobre questões de identidade Milton Hatoum afirma que tentou trabalhar a busca da identidade em seus romances, mas percebeu que há alguma coisa da identidade que é misteriosa e nunca pode ser dita. “Penso que a identidade é o que há de mais misterioso e enigmático. Você revela algum ângulo, mas imediatamente esse ângulo é revelado e surgem outros. É um jogo de esconde-esconde.” (HATOUM, 2000).

Nas relações e interações das culturas torna-se problemático juntar diferentes formas de culturas, pretendendo que elas possam coexistir facilmente: As articulações das culturas são possíveis não por causa da familiaridade ou similaridade de conteúdos, mas porque todas as culturas são formadoras de símbolos e constituidoras de temas.

Cada criatura é dotada de uma série de identidades, ou provida de referências mais ou menos estáveis, que ela ativa sucessivamente ou simultaneamente, dependendo dos contextos “Um Homem distinto é um Homem misturado”, dizia Montaigne. A identidade é uma história pessoal, ela mesma ligada a capacidades variáveis de interiorização ou recusa das normas inculcadas. Socialmente, o indivíduo não pára de enfrentar uma plêiade de interlocutores, eles mesmos dotados de identidades plurais. Configuração de geometria variável ou eclipse, a identidade define-se sempre, pois, a partir de relações e interações múltiplas. Foi o contexto da conquista e da colonização da América que incitou os invasores europeus a identificarem seus adversários como índios e, assim, a englobá-los nessa apelação unificadora e redutora⁹.

Em dois Irmãos, o narrador – personagem vive a angústia da procura constante de sua identidade. Filho de Domingas, uma índia deslocada do seu lugar de origem, e de em dos membros da família sírio-libanesa, Omar, Yaqub, ou até mesmo de Halim, Nael constrói

⁹ GRUZINSKI, 2001, p. 53.

a sua história a partir de fragmentos da memória, num processo constante de lembranças e esquecimentos. Na busca de informações que pudesse lhe certificar sua origem paterna, perambula por culturas, línguas e histórias diversas. Num movimento ininterrupto e polifônico, o narrador sistematiza as várias vozes que ouviu, tanto da tradição amazônica, contada por Domingas, quanto da tradição árabe, contada por Halim. Neste romance, o autor desenvolve idéias sobre a impossibilidade de se falar em culturas e identidades essencializadas. Segundo Hami Bhabha, no fim do século XX vivenciamos o desaparecimento de mitos de sustentação de purezas culturais, e afirma: “encontramo-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão” (BHABHA, 1998).

O ponto fundamental na narrativa Hatouniana é o descentramento provocado por deslocamentos constantes, o que rompe com padrões estabelecidos e olhares fixos. A narrativa desse autor provoca imagens congeladas pela tradição, subverte discursos sobre a Amazônia, a partir de produção de linguagens propõe experiências de resignificação. Ressignificar contextos culturais na Amazônia, a partir de leituras enviesadas e olhares estrábicos, propondo repensar o próprio conceito de identidade amazônica. O contexto de globalização alterou sentidos e dinamizou processos de significação cultural, ao provocar a interação e o diálogo das culturas. Gilberto Martins em Resenha publicada no jornal O Estado de São Paulo, assim se expressa com relação à modernidade em *Dois Irmãos*:

O romance *Dois Irmãos* exhibe seu trunfo num tema aparentemente secundário: o do processo de modernização no Brasil, especialmente na Região Norte. Na descrição da cidade de Manaus, a cor local é enriquecida pelo olhar atento do autor às marcas da convivência de progresso e desigualdade, de avanço e atraso, de mudança e permanência.

A modernidade aos poucos exibe suas marcas, suas garras. O cinematógrafo atraí, embora com defeitos e restrito à casa dos “magnatas do Amazonas” (que ostentam o sugestivo sobrenome de Reinoso).

A euforia da inauguração de Brasília chega a Manaus “sopro amornado”, denunciando a dimensão utópica da integração nacional e do discurso modernizador oficial. Como realidade comum e inquestionáveis dos dois brasis, o verde das fardas e a voracidade da repressão, que mata o professor de francês Antenor Laval. E os índices proliferados da solidão, do emparedamento, do desamparo, do anonimato e do tédio¹⁰.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi. K. *O Local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloisa Pezzo Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: EDUSP, 1997.
- CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. São Paulo: Verbo, 1972.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. De orientes e relatos. In: *Trocas culturais*. Org. Luiz Alberto Brandão Santos; Maria Antonieta Pereira. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- GRUZINSKI, Serge. *O Pensamento Mestiço*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A. 1997.
- HATOUM, Milton. *Dois Irmãos*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- HATOUM, Milton. Literatura e Identidade. *Remate de Males*, n. 14, Campinas: Revista do Departamento de teoria Literária – IEL, UNICAMP, 1994.
- HATOUM, Milton. *Relato de um certo oriente*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- MARTINS, Gilberto. *O Estado de São Paulo*, jun., 2000.

¹⁰ MARTINS, Gilberto. *O Estado de São Paulo*. São Paulo: jun., 2000.